

Acuado, Sarney reage

Um dos livros de cabeceira do general Golbery do Couto e Silva, de cuja leitura compartilha o professor Heitor Aquino Ferreira, era um tratado de guerra que narra a saga de um general chinês, que, antes da idade de Cristo, acochado em batalha pelas hordas inimigas, conseguiu furar o bloqueio que lhe impunham e finalmente reagir e vencer apenas pelo acesso de uma inesperada coragem. Um dos governadores do PMDB mais próximos ao Presidente da República, nele apontam, nessa atual afirmação de vontade para formar um Ministério com a sua cara, e um bloco com a sua confiança, um assomo de ousadia igual à do general chinês. Acuado, Sarney sempre conseguiu reunir forças insuspeitadas, e virar à tendência contrária.

Foi assim no plano cruzado, quando, um pouco antes, recebeu ataques frontais da cúpula do PMDB, que se reunia na residência do presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães, com todos os ministros da legenda, para acertar providências e posturas. A cabeça do Presidente era todo o dia pedida, como o foi pelo senador Fernando Henrique Cardoso em entrevista famosa, às vésperas da edição do cruzado.

O Presidente da República, porém, não tem agora uma nova chance igual à do plano cruzado. O País está à beira de sofrer os efeitos cáusticos da recessão econômica. Os credores externos estão perplexos com

a nossa falta de objetividade para renegociar a dívida, e o Governo mostra-se exausto após esgotar os planos mirabolantes voltados para a área social, mas que só engordam o bolso de seus agentes. A política salarial está esmagando a classe média e agora passa a angustiar as Forças Armadas.

Enquanto isso, a elite política dos partidos mostra-se incompetente para enfrentar os problemas nacionais. Mesquinha, imediatista, antiquada, a classe política não ingressou ainda na modernidade das grandes questões que predominam nas sociedades contemporâneas. Os partidos mais homogêneos na defesa de temas programáticos são exatamente os de esquerda, como o PT, o PDT e os comunistas, ou os de nitidez ideológica centro-conservadora como o PL. São também os menos fisiológicos e mais compactos em termos de unidade.

Com essa classe, o Presidente não vai conseguir muita coisa, a não ser dando muita coisa. Mas o estoque do Governo está exaurido. O general chinês é uma ilusão inalcançável para um político maranhense que não foi convidado para a festa do poder, pois sua coragem de agora, tentando mudar de um só ato, é apenas o grito de um homem afável e de temperamento suave, que sente todo o drama de uma geração perdida, de um tempo vazio, de um gesto inútil, e de um tempo patético.

CORREIO BRAZILIENSE

JOÃO EMÍLIO FALCÃO

10 OUT 1987

O sal e a reforma

1987 100 01

O Presidente da República pretende fazer uma reforma para agilizar a máquina burocrática. É bom que o faça porque um dos maiores entraves ao desenvolvimento está na ineficiência administrativa, que conserva, e muito, o ranço pombalino. O serviço público é emperrado, os processos andam lentamente, os funcionários ganham mal, etc. Essa é uma questão grave e o Presidente está certo em enfrentá-la.

Há, no entanto, que agir com cautela e coragem ao mesmo tempo. A simples extinção de órgãos ou sua aglutinação não é uma reforma no sentido verdadeiro, porque é preciso ver as finalidades e compatibilizá-las para obter melhor rendimento. O princípio de Napoleão de que a um general só podem estar vinculadas sete linhas diretas de comando não se coaduna com um país de 8 mil 500 Km². A vigilância do Presidente tem de ser em todos os setores, mas isso é impossível na prática. A solução ideal é permitir esse controle sem que tenha de ser exercido de forma permanente.

A cautela impedirá erros lamentáveis. O presidente José Sarney foi muito feliz quando criou um Programa Nacional de Irrigação, juntou três ou quatro órgãos e submeteu-os à coordenação de um ministro extraordinário. O que se fez nessa área em dois anos foi bem mais do que em todo o passado. É uma vergonha que a Índia irrigue cinco milhões de hectares por ano, en-

quanto nós lutamos para atingir um milhão. No último domingo O Estado de S. Paulo publicou excelente reportagem sobre as conseqüências da irrigação para a Espanha e a França, mas nossos agricultores continuam a rezar para que chova. Fala-se, porém, que seria extinto esse Ministério — sem dúvida, um erro.

Há, no entanto, providências que têm de ser adotadas. Quase cinquenta órgãos federais cuidam da área de saúde e outro tanto de abastecimento, com ações superfluas e, na maioria das vezes, superpostas, quando não contraditórias. É freqüente o confronto entre órgãos do Governo, que, na prática, como que se anulam. O bem que resultaria da junção de esforços, quer em termos de economia, quer de rendimentos, parece indiscutível.

Há dias, o senador Albano Franco (PMDB-SE) denunciou que estão sendo lançadas no mar, através de salmourado, cerca de 360 mil toneladas de sal que, vendidas, valeriam US\$ 5 milhões. Contudo, estamos importando sal da Austrália. O senador Itamar Franco (PL-MG) fez, durante o debate a respeito, duas perguntas: A quem interessa essa importação? Quem a autorizou?

Não foram respondidas, nem serão. É porque 42 órgãos cuidam do setor. Fosse um, apenas, e saberíamos quem autorizou e a quem interessou a importação de alimentos estrangeiros.